



Revista Hélade
ISSN: 1518-2541
www.helade.uff.br

Título: (Re) Repensando relacionamentos amorosos nos poemas de Catulo: suas noções de *Fides* e *Amicitia* (séc. I a.C.)

Autores: Ana Teresa Marques Gonçalves; Breno Teles Pereira

Referência: GONÇALVES, Ana Teresa Marques; PEREIRA, Breno Teles. Repensando relacionamentos amorosos nos poemas de Catulo: suas noções de *Fides* e *Amicitia* (séc. I a.C.). **Hélade**, v. 1, n. 2, 2015, p. 7-17.

REPENSANDO RELACIONAMENTOS AMOROSOS NOS POEMAS DE CATULO: SUAS NOÇÕES DE *FIDES* E *AMICITIA* (SÉC. I. A.C.)

ANA TERESA MARQUES GONÇALVES¹
BRENO TELES PEREIRA²

Resumo: Em I a.C, Roma, o poeta Catulo, denominado pejorativamente como um dos *poetae novi*³, utiliza de dísticos elegíacos para expressar seu entulamento, deboche de figuras políticas e, principalmente, indignação amorosa. Em sua obra que reúne as poesias, demonstra seu “odeio e amo” relacionado à Lésbia⁴, fruto de inúmeros de seus cantos poéticos. Neste artigo, objetivamos a análise de como o poeta que vivia à época em que o amor conjugal se dava

como improvável, cultiva afeto, ódio e amor por Lésbia, mesmo sendo não mais que amante da mesma. **Palavras-chave:** Lésbia, elegia, relacionamento amoroso.

Yves Stalloni (2009), em *Os Gêneros Literários*, define a elegia como um “lirismo limitado e codificado” e coloca o termo como proveniente do grego *élegos*, que significa “canto de luto”. Em seguida, o autor expõe que “A Antiguidade ignora esta distinção e qualifica como <<elegia>> um poema conforme a uma métrica específica, o dístico elegíaco, que combina um hexâmetro e um pentâmetro...” (STALLONI, 2009, p. 128). Yves Stalloni, condenando assim a forma utilizada pelos antigos, ignora o fato de o próprio Catulo ter escrito diversas poesias que se encaixam em tal forma (como exemplo a poesia 68, dedicada a seu irmão; a terceira, dedicada ao pardal de Lésbia, dentre outros) e também esquece a notável influência de Calímaco de Cirene⁵ dentre os *poetae novi*, um dos precursores do estilo elegíaco. Reconhecido por ser um dos pioneiros da elegia erótica romana, Catulo utiliza como métrica para

¹ Professora associada III de História Antiga e Medieval na UFG. Doutora em História pela USP. Coordenadora do LEIR-GO. Bolsista produtividade II do CNPq. E-mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com.

² Graduando em História na UFG. Orientando da Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves. Bolsista PIBIC, financiado pelo CNPq. E-mail: brenotelesp@gmail.com.

³ Denominação cunhada por Cícero e outros tradicionalistas que pregavam os costumes clássicos de escrita, como a forma que Ênio escreve os Anais (séc III-II a.C). Outra designação a esses poetas é o termo *neòteroi*. Ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 17-18.

⁴ Lésbia é pseudônimo de Clódia. Por costume poético, Catulo usa um pseudônimo com a mesma quantidade de letras do nome original. O nome é escolhido pelo autor devido a Safo, poetisa inspiradora de muitas de suas poesias, a qual era residente da ilha de Lesbos. Paulo Sérgio de Vasconcellos (1991, p. 19), citando Apuleio, nos diz que “Apuleio (séc. I d.C.) nos dá a chave: Lésbia, segundo ele, é Clódia, e a informação ganha já de início algum crédito, pois sabemos que os autores de poesia erótica geralmente escolhiam, para esconder o nome da amada, um pseudônimo que tivesse igual número de letras...”.

⁵ Poeta grego. Viveu de 310 a.C a 240 a.C, tendo se destacado por estar à serviço de Ptolomeu II Filadelfo e Ptolomeu III Evérgeta. Foi o poeta mais importante da Era Helenística. Para mais informações acerca de sua vida e obra, ver: CALLIMACHUS, *The Hymns*, 2015. p. 3.

suas poesias hexâmetros e pentâmetros⁶. Procurando se aproximar o máximo possível da métrica grega⁷, entrega uma forma aos seus sucessores a qual não se fixa mais na rusticidade de predecessores como Ênio⁸; emprega frequentemente, então, o hexâmetro espondeico⁹.

Notamos a grande discrepância que se produz - no período no fim da República - entre as questões que envolvem relacionamentos amorosos. Com Ovídio¹⁰, em *Arte de Amar*¹¹, se consagram as formas de onde vem o amor entre amantes, opondo-se ao amor conjugal. O poeta constrói o seu manuscrito de forma que o mesmo se torna peça-chave para entender os sinais dados entre amantes, as consequências resultantes do casamento, a compreensão (ao menos teórica) do papel do amante - aquele que se relaciona com a mulher - referente ao marido, dentre outros fatores que envolvem formas de comportamento dos amantes. Craig A. Williams¹², tratando da masculinidade e da homossexualidade em Roma, expõe que o cidadão romano precisa

desempenhar um papel ativo, ao falar de sexualidade; ele, em hipótese alguma, deve ser submetido. A submissão, vista por certa ótica, tem relação óbvia com uma estrutura social hierárquica. A masculinidade, então, seria a dominação; essa lógica se dá pela forma “priápica” de modelo masculino¹³.

Ainda tratando do século I a.C, há a forte presença da helenização nos costumes romanos. Daí, surgem os tantos poetas que experimentavam a poesia no que concerne ao amor. As poesias então se encarregam de declarações sobre a paixão; a falta de controle sobre o sentimento e a submissão ante o mesmo; e, também, ao galanteio sobre as mulheres que são, dentre os *neòteroi*, alvo de grande parte de suas poesias. Assim, percebemos a intriga que era gerada entre os tradicionalistas e os poetas novos, pois, ao declararem abertamente sua submissão ante o sentimento amoroso, colocavam em pauta a questão da masculinidade, o autodomínio, que eram indispensáveis para manter a posição de cidadão romano.

Quando estudamos as poesias que se remetem a Lésbia, Catulo claramente expõe certa submissão ante a mulher. Daí, então, se dá a seguinte pergunta: qual a diferença de Catulo em relação aos outros *neòteroi*? Ao observarmos Propércio¹⁴, Tibulo¹⁵ e Ovídio, percebemos a unanimidade em sustentar que não há possibilidade para o amor conjugal. Assim, flui a ideia de que o casamento, se tratando de uma “prisão contratual”, abre portas para o amor clandestino e adúltero. Consequentemente, surge o apelo para que a mulher se liberte de tal prisão

⁶ Um hexâmetro e um pentâmetro formam um dístico elegíaco. O hexâmetro é composto por cinco conjuntos de sílabas que contém uma sílaba longa seguida de duas breves, finalizando o verso com uma sílaba longa e uma longa ou breve. O pentâmetro possui dois conjuntos compostos por uma sílaba longa seguida de duas breves cada; em sequência, um conjunto composto por uma sílaba longa e, então, mais dois conjuntos compostos por uma sílaba longa e duas breves cada, finalizando o verso com uma sílaba longa ou breve.

⁷ Forma que se baseava no hexâmetro e pentâmetro.

⁸ Foi dramaturgo e poeta épico romano. É reconhecido por ter escrito a obra *Annales*, onde, em 18 livros compostos por hexâmetros, conta a história de Roma até sua época. Apesar de utilizar os hexâmetros e abandonar os versos saturninos, foi o primeiro a fazê-lo e, assim sendo, não teria aperfeiçoado os mesmos como os escritores posteriores.

⁹ Hexâmetro em que o dátilo do quinto pé é substituído por um espondeu.

¹⁰ Ovídio nasce em 43 a.C, em Sulmo. Foi um grande escritor de dísticos elegíacos como vemos em *Heroides*, *Amores* e *Arte de Amar*. É reconhecido pelo erotismo de suas poesias em *Amores*, seguido das cartas elegíacas de mulheres míticas ou heróicas destinadas aos seus respectivos amantes, em *Heroides*. Depois, publica a *Arte de Amar*, em que descreve a arte da sedução. Ver: OVIDIO, *Ars Amatoria*, 2010, p. 43.

¹¹ Série de livros composta por Ovídio; a obra aborda o tema sobre a arte da sedução. Interessante o fato de ter sido escrita na época do Imperador Augusto, conhecido por ressaltar valores familiares. Sobre os “valores familiares”, ver: CATULO, *Poesias*, LXXVI, 9-15.

¹² Professor de estudos clássicos. Leciona em Brooklyn College, na City University of New York. Ver: WILLIAMS, 2010.

¹³ Priapo, deus da fertilidade que possui como característica aparente um pênis protuberante. Daí as representações fálicas que significavam virilidade. Para mais detalhes sobre o assunto, ver: WILLIAMS, 2010, p. 18.

¹⁴ Propércio também fez parte da vertente denominada como *poetae novi*. Nascido na Úmbria em aproximadamente 57 a.C, falecendo em aproximadamente 2 d.C, é reconhecido pelas suas elegias; possui como sujeito de muitas de suas poesias a mulher apresentada por ele como Cíntia (provável pseudônimo de Hostia, como é exposto por Apuleio), que, através de suas poesias II e VI, era uma *meretrix*. Para mais explicações sobre sua vida e obra, ver: PROPERTIUS, *Elegies*, 1961.

¹⁵ Tibulo nasce em aproximadamente 55 a.C, falecendo em 19 a.C, mesmo ano da morte de Virgílio. Sua obra comporta dezesseis elegias autênticas, as quais se referem aos temas de amizade, morte, amor; também, a recusa da guerra, do comércio e da riqueza em prol da vida camponesa, ao lado da mulher amada. Para mais detalhes, ver: TIBULO, *Elegias*, 1993, p. 217-225.

e usufrua do verdadeiro amor, ou seja, o amor em relação ao amante (ANDRÉ, 2006, p. 39). A grande questão, já exposta, é a liberdade com o número de amantes: como Lésbia era uma mulher de família conhecida¹⁶, de beleza descomunal e notada pelo luxo e propensão a prazeres, acabava por se envolver com inúmeros homens, os quais Catulo considerava como inimigos.

Gaius Valerius Catullus, ou Catulo, foi um poeta que viveu durante o último século da República Romana, aproximadamente de 84 a.C a 54 a.C. Filho de família abastada em Verona, é provável que se estabeleceu em Roma por volta de seus 20 anos de idade¹⁷ e ali ficou quase permanentemente. Sua obra, tal como o possuímos hoje, é dividida em três grandes partes (poemas menores, poemas maiores e dísticos elegíacos), não se sabendo se essa foi a ordem utilizada pelo autor para divulgá-los. O poeta é reconhecido por suas poesias eróticas dedicadas a Lésbia; por uma tradução da poesia Cabeleira de Berenice ao latim, escrita por Calímaco e, não menos importante, por seus ataques a César e Mamurra¹⁸.

Com seu amor em relação a Lésbia, Catulo entra em colapso relacionado à infidelidade da mesma: ao expôr seu ciúme, o poeta demonstra desespero, devido ao fato de, primeiramente, ser parte ativa da traição de Lésbia com Q. Metelo Celer¹⁹, seu marido; como amante, procurava ser o único dentre eles e, não o sendo, culpa Lésbia por sua imoralidade, atacando-a por meio de suas palavras, colocando-a como a mulher pela qual ele sustentou

“duros combates e que de mim fugiu” (CATULO, **Poesias**, poesia XXXVII, 7). Carlos Ascenso André²⁰, citando Ovídio, demonstra que a mulher pode chegar a praticar a infidelidade e que essa prática conhece poucos limites; assim, expõe que não há mal algum em possuir vários amantes, desde que sejam discretos e furtivos (ANDRÉ, 2006, p. 40).

Catulo - após o que pode servir de epílogo dedicado a Cornélio Nepos²¹ - em sua segunda poesia, com floreios e artifícios de embelezamento, homenageia o pardal²² de sua amada, que a apazigua em suas horas de aflição e, de forma carinhosa, expõe que “[...] oxalá, eu pudesse, como ela, brincar contigo e tornar mais leves os tristes cuidados da minha alma” (CATULO, **Poesias**, II, 4-5.) Logo em seguida, em sua terceira poesia, fala sobre a morte do pardal. O mesmo, tido como “encanto da minha amada” (CATULO, **Poesias**, III, 2), agora aflige-a com o sofrimento da perda. Notamos que, assim, o poeta mostrava sua dedicação e proximidade a Lésbia, por dedicar a mesma uma elegia que denotava afeto e pesar pelo acontecido. Como “Cancioneiro de Lésbia”²³, inicia aqui a declamação do que seria a metade “positiva”²⁴ do seu *odi et amo*, ou seja, quando o poeta, por ora, se encontra perdido de amores por Clódia que, aparentemente, ainda correspondia às suas expectativas:

Vivamos, minha Lésbia, amemo-nos e demos valor dum asse às censuras dos velhos severos.

¹⁶ Família dos Cláudios, na qual temos também o irmão de Lésbia, P. Clódio Pulcer. Para uma explicação sobre a mudança de “cláudios” para “clódios”, ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 20.

¹⁷ Dados apresentados por Carlo Pascal (1916, p. 157, n. I).

¹⁸ Tais ataques se dão diretamente com uso, em alguns momentos, de pseudônimos e, em outros, do nome próprio. Catulo expõe os supostos relacionamentos que iam além do interesse econômico entre César e Mamurra; assim, demonstra o favorecimento de César ante Mamurra. Mentula é o pseudônimo de Mamurra, enquanto o de César é Rômulo efeminado. Mentula significava membro viril; Rômulo efeminado seria César, considerado um novo fundador de Roma, porém, efeminado. Ver: CATULO. **Poesias**, poesias XXIX, XCIV, CV, CXIV, CXV.

¹⁹ Filho de Quinto Cecílio Metelo Nepos, é conhecido por ser Cônsul em 60 a.C. Falece em 59 a.C, supostamente envenenado pela esposa, Clódia Metelo. Ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 19-20.

²⁰ Professor de línguas e literaturas clássicas na Faculdade de Letras de Coimbra.

²¹ Conhecido de Catulo, um dos que cedo reconhece seus talentos e contribui para espalhar sua reputação, sendo Cornélio quem julgou que “valiam alguma coisa estas minhas ninharias”. O poeta dedica algumas poesias ao mesmo, elogiando também o livro de história composto por Nepos. Ver: CATULO. **Poesias**, I.

²² Interessante vemos a influência de suas poesias em poetas posteriores. Em tradução inédita de João Angelo Oliva Neto, temos, da *Antologia Palatina* (7, 199), uma estrofe de Timnes datada do séc. III d.C: “Passarinho, no qual as Graças cuidam, quase igual à alcione no som que entoas! Foste levado, ó melro meu: teu modo e doce voz o caminho os tem da noite mudo.”

²³ Título da obra de Paulo Sérgio de Vasconcellos e, também, célebre definição de como Catulo é reconhecido. Ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 34.

²⁴ Como veremos adiante, Catulo representa através de suas poesias, posteriormente, seu desapontamento e sofrimento relacionados a Lésbia.

Podem os dias desaparecer e voltar; porém, a nós, quando uma vez termine o breve dia, é forçoso dormir uma noite perpétua. Dá-me beijos, e mais cem, e outros mil, e outra vez cem, e depois mais mil e ainda cem; e, em seguida, quando tivermos juntado muitos milhares, havemos de baralhá-los, para que não saibamos a conta, ou para que nenhum mau possa ter inveja, quando souber serem tantos os beijos (CATULO, **Poesias**, V)

Ao dizer "...e demos valor dum asse às censuras dos velhos severos...", o poeta ataca diretamente o tradicionalismo que era ressaltado por grandes nomes, como Cícero. O discurso que combatia a relação amorosa apaixonada, doentia, pela qual o cidadão chegava ao que poderia ser julgado como uma humilhação, era carregado de uma moral antiga, claramente ignorada por Catulo, que se submetia a tais provações as quais apenas um amante estaria submetido, almejando a união com Lésbia.

O poeta, reforçando sua necessidade, descreve mais uma vez a vastidão de seus desejos:

Perguntas-me, Lésbia, quantos beijos teus me serão suficientes e mais que suficientes. Quanto os grãos inúmeros de areia líbica que estão em Cirene produtora de lasarpício, entre o oráculo ardente de Júpiter e o sagrado sepulcro do velho Bato, quanto as estrelas que, na noite silenciosa, contemplam os amores furtivos dos homens - tanto os beijos teus suficientes ao louco Catulo; em tão grande número que os não possam contar os curiosos, nem fazer-lhes feitiço os maldizentes²⁵.

Então, como um homem que se vê admirador de apenas uma mulher, crítica uma comparação feita por outros entre Ameana²⁶ e Lésbia; aqui, o poeta fere novamente Mamurra ao mesmo tempo que ressalta Lésbia:

Salve, rapariga, que não tens nariz pequeno, nem pé bonito, nem olhos negros, nem dedos

compridos, nem a boca seca, nem uma língua muito elegante e és amiga do arruinado Formiano²⁷. Diz a tua província que és bela? Compara-te com a minha Lésbia? Ó tempo estúpido e de mau gosto! (CATULO, **Poesias**, XLIII).

Inspirado pelas poesias de Safo²⁸, Catulo recria uma obra da poetisa para ressaltar Lésbia; o poeta utiliza, de forma brilhante, a linguagem poética para fazer alterações nos epigramas²⁹, os quais não perdem sua essência:

Parece-me ser igual aos deuses e, se é possível, ser mesmo superior aos deuses, aqueles que, sentado junto de ti, a um tempo vê e ouve o teu doce riso que a mim me arrebatou todos os sentidos: em verdade, Lésbia, logo que te olhei, toda a voz me expira na boca. Paralisa-se a língua, uma chama subtil corre pelos membros, zunem-me os ouvidos e os olhos se cobrem duma dupla noite. O ócio te é prejudicial, Catulo; por causa do ócio te exaltas e te excitas demasiado; já antes de ti a ociosidade perdeu os reis e as cidades ditosas (CATULO, **Poesias**, LI)

Ao trabalharmos Catulo, percebemos que, mesmo se tratando de um homem que encarna o papel de amante, acaba por perder o controle de si ao se entregar ao amor desenvolvido com Lésbia; já esgotadas suas tentativas de reavê-la ou de lidar com o sentimento, roga aos deuses que extirpem tal sensação de seu peito, que façam-no livre do pesar de um amor não correspondido:

Ó deuses, se a misericórdia é qualidade vossa, ou se já a alguém, mesma na morte, prestastes auxílio, contemplai a minha infelicidade e,

²⁵ O uso de referências à mitologia e sua erudição poética demonstram que, mesmo utilizando de uma forma de escrita julgada como coloquial, o poeta não se tratava de um homem não letrado. Ver: CATULO, **Poesias**, VI.

²⁶ Amante de Mamurra. Ver: CATULO, **Poesias**, LXXXVIII; XCVII.

²⁷ Referência a Mamurra, nascido em Fórmias, cidade do Lácio. Ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 97.

²⁸ Safo foi uma poetisa da ilha de Lesbos; sua biografia é duvidosa e amplamente debatida. Nasce por volta de 630 a.C., falecendo aproximadamente em 570 a.C. Conta-se que a poetisa estabelece, em Lesbos, uma escola onde lecionava poesia, dança e música. Safo é reconhecida por seus epigramas, tornando-se musa de inspiração de poetas posteriores. Ver: POWELL, 2007, p. 43.

²⁹ Utilizamos aqui a tradução de Jaa Torrano para fazer a comparação. Catulo modifica algumas expressões, porém, a estrutura é mantida. Para mais detalhes, ver: HESÍODO, **Teogonia**, 1995, p. 34.

se tive uma vida pura, tirai-me esta peste, esta perdição que, introduzindo-se como um torpor no mais fundo dos membros, me expulsou de todo o peito a alegria. Eu já não pretendo que ela corresponda ao meu amor, ou, o que é impossível, que queira ser honesta; desejo eu ter saúde e libertar-me desta negra doença. Ó deuses, concedei-mo, pela minha piedade! (CATULO, *Poesias*, LXXVI, 9-15).

Claro é o desespero daquele que escreve. Perdido na irracionalidade dos seus dizeres, o poeta se coloca em meio a um impasse com seus quereres:

A este ponto chegou minha alma por tua culpa, Lésbia e ela própria se perdeu pela sua fidelidade: já te não pode querer bem, mesmo que te tornes a melhor das raparigas, nem deixar de te amar, mesmo que faças tudo (CATULO, *Poesias*, LXXV, 1-3).

Como descrito pelo poeta, notamos que o mesmo aparentemente prevê sua derrocada relacionada a Lésbia. Paul Veyne³⁰ (1985) nos mostra que há a possibilidade do que se chama de ficção poética, ou seja, a liberdade de criação para justificar a poesia. No caso, pode-se levantar a possível ideia de Catulo ter criado toda uma trama inexistente que o envolvia a Lésbia. Dado o fato de que os escritos circulavam e muitas vezes eram recitados em banquetes e afins, devemos considerar em contrapartida a realidade dos acontecidos, devido a Catulo poder ser apenas mais uma das “presas”³¹ de Lésbia.

Catulo, com sua forma de expressão deveras sincera, se torna um amante totalmente deslocado. Partes da sociedade que já não mais acreditavam na afetividade entre cônjuges e que pregavam a liberdade para o relacionamento com amantes, só teriam tal costume crescente “combatido”³² na época de

³⁰ Arqueólogo e historiador francês, especialista em história da Antiguidade Romana.

³¹ Conhecida por se envolver com vários homens, dentre eles reconhecidas figuras romanas. Clódia era também apelidada de “Quadrantária”, por se vender pelo mínimo possível, um quadrans. Ver: PLUTARCO, *Cícero*, XXIX.

³² Otaviano procurou restaurar a tradicional moral romana, ressaltando valores relacionados ao casamento e à fidelidade; com a Lex Julia de adulteriis coercendis e Lex Julia de maritan-

Otaviano. Ao dizer que “A poesia deste tempo é como a sociedade de onde emerge e que espelha: de costumes soltos e afeiçoada ao prazer...”, Carlos André (2006, p. 95) revela que ali estava o estilo marginal de escrita dos *poetae novi*, com sua linguagem chula e ferina; Catulo vai além ao utilizar de tal linguagem para demonstrar sua indignação. Procurando restabelecer o poder que possui sobre si, afirma o que é necessário fazer para manter sua sanidade e não mais se submeter aos caprichos de Lésbia:

Deixa-te de loucuras, meu pobre Catulo, e dá como perdido aquilo que vês perder-se. Foram para ti cheios de brilho os dias em que muitas vezes foste ao local que te indicava aquela rapariga que amei mais do que qualquer outra; então ali se faziam coisas muito agradáveis e o que tu querias não o recusava a tua amada; foram em verdade cheios de brilho esses dias. Mas agora já ela não quer; não queiras tu também, não persigas o que te foge, não estejas tão triste, tem paciência, suporta o teu mal. Adeus, amiga; agora está resolvido o teu Catulo; não te procurará, nem te desejará contra tua vontade; porém tu sofrerás quando ninguém te desejar. Ai de ti, infeliz, que vida te estará reservada! Quem irá ter contigo? Para quem será a tua beleza? Quem amarás agora? A quem dirás que pertence? A quem beijarás? A quem morderás os lábios? Mas tu, Catulo, permanece na tua resolução (CATULO, *Poesias*, VIII).

Notamos que o poeta pragueja contra o nome de Lésbia e tenta expô-la a si mesmo motivos para que dê como perdido aquilo que foge ao seu poder. O grande paradoxo dos sentimentos se dá na poesia LXXXVII, em que Catulo escreve que “Nenhuma mulher pode dizer que foi amada tão sinceramente como tu o foste por mim, ó minha Lésbia. Nunca em nenhuma ligação houve tanta fidelidade³³ como a que mostrei da minha parte no meu amor por ti”. Como poderia um amante manter fidelidade quando, já de início, se tratava de um ato infiel?

dis ordinibus, combateu com punições os casos de infidelidade, dentre outros. Ver: SHOTTER, 1991, p. 53.

³³ Grifo nosso.

Temos uma ressignificação do que seria “fidelidade”: o que antes significava a *fides* entre marido e mulher passa a expressar uma ideia diferente ao se tratar do amante e sua amada. Tendo como pioneiro³⁴ Catulo, as poesias de amor clamavam por algo que posteriormente se veria como um pedido insuficiente: descrito na *Arte de Amar*, Ovídio demonstra que não há mutualismo nessa nova acepção de fidelidade; Carlos A. André (2006, p. 226), ressalta que

[...] o homem mantém-se obstinado na sua lealdade, mesmo quando a mulher desrespeita o pacto que os une, o que, em si mesmo, pode representar, desde logo, uma espécie de consentimento a esse comportamento da parte dela.

Além da ressignificação, a *fides* para Catulo tornava tênue a linha entre a *amicitia* e o casamento. Em sua poesia CIX, o poeta expõe que:

Tu me garantas, minha vida, que este nosso amor há de ser agradável e eterno entre nós. Deuses poderosos, fazei que ela possa prometer de verdade e o diga sinceramente e do fundo do coração, para que nos seja possível fazer perdurar, por toda a vida, este pacto eterno de uma sagrada amizade.³⁵

Ciente de que “... o que uma mulher diz ao coiboso amante deve-se escrever no vento e na rápida água” (CATULO, *Poesias*, LXX), nos parece que se utiliza de tal verso - um dizer corriqueiro em sua época - apenas para embelezar sua poesia. Notamos, ao longo da análise, que o poeta não faz jus a tais palavras, devido à aparente crença de haver uma relação amorosa recíproca entre ele e Lésbia.

³⁴ Catulo, dentre os *neòteroi*, é o primeiro poeta que conhecemos que se encaixaria dentre os que escrevem elegias eróticas em Roma.

³⁵ Preferimos aqui utilizar a tradução de Paulo Sérgio de Vasconcellos ao invés da de Agostinho da Silva, pela mesma melhor se aproximar da ideia de amizade a qual analisamos acima. Enquanto encontramos “*sanctae foedus amicitiae*” traduzido por Agostinho da Silva como “pacto recíproco de afeição”, em Paulo Sérgio encontramos “pacto eterno de uma sagrada amizade”. Ver: VASCONCELLOS, 1991, p. 67.

Em análise de Patrick McGushin (1967, p. 85-93), notamos que a conexão entre *pietas*, *benevolentia* e *amicitia* é o que Catulo almejava, para assim possuir reciprocidade com Lésbia. McGushin, ao dizer que “... o casamento é basicamente uma *amicitia* com suas qualidades específicas e apropriadas de *fides* e *pietas*”, demonstra que simplesmente amizade não poderia descrever a relação entre Catulo e Lésbia. A forma com que o poeta trata a questão acerca do casamento é persistente e, através dessa noção, conseguimos enxergar o que Catulo concebeu como sua relação com Lésbia. A descrição de como amantes se enveredavam, sem pretensões futuras de prosperidade para a relação, ou seja, confiança entre cônjuges, não era a realidade que Catulo procurava. Como descreve McGushin (1967, p. 86-87):

[...] Catulo estava bem ciente da distinção entre um amor casual, com sua expressão física e fugaz, daquela junção do físico, do espiritual e dos elementos intelectuais, que são duradouros e encontram sua expressão mais nobre no casamento, os quais são claramente demonstrados em uma comparação dentre os poemas LXI e LXII e os poemas VI ou X. Tais casos vistos no tipo mais tardio de poesia, efêmeros e limitados em seu envolvimento, sem a ideia de casamento envolvida, não tiveram parte na realidade do relacionamento entre Catulo e Lésbia.

A disputa entre o que seria a relação amorosa “tolerada” contra aquela a qual os tradicionalistas julgavam como uma doença, acaba por ter como vitoriosa, ao menos no período em que aqui tratamos, a emergente paixão que possuía raízes em seu próprio devir, contrária à aberração que aparentava ser. Um século que percebe o amor como algo que é “o mesmo para tudo o que vive”, revela confusamente a si mesmo que não há vergonha nos tipos de relações amorosas que podem vir a ser.³⁶

Temos deste modo uma sociedade em que as mulheres, mesmo com a moralidade presente de suas antepassadas cortesãs que praticavam virtudes ancestrais, muitas vezes tinham a possibilidade aristocrática de abrir mão disso para exercer

³⁶ Para melhores detalhes, ver: GRIMAL, 1991. p. 164.

principalmente suas paixões. Consequentemente, há inúmeros relatos de mulheres as quais, nascidas entre a aristocracia, exerciam um papel ativo em deixar os antigos valores morais. As mulheres que seriam chamadas de “matronas” se tornam reconhecidas por trocar de marido várias vezes na vida, não se preocuparem em manter a hereditariedade através de filhos e por cultivarem intrigas dentre seus inúmeros amantes para manterem a vaidade ou lisonjear os sentidos. Há, também, mulheres que adentram a política e por ai afirmam seu poder ao conduzir os homens preteridos ao poder.³⁷ Porém, apesar de tamanha descrição, devemos nos lembrar que para os historiadores romanos posteriores, quaisquer mulheres que se desviassem daquele conceito tradicional da mulher caseira já se enquadrava na polêmica figura de Messalina³⁸. Não seria de se surpreender que Catulo, atordoado pela paixão que sentia, condenasse Lésbia ao mesmo rol de promiscuidade que já rotulava inúmeras outras.

Não se excluindo do que notadamente teríamos na *Arte de Amar*, de Ovídio, Catulo também vivencia a prática comum dentre os amantes de sentar-se à mesa perante sua amada e o marido da mesma, aguardando o momento em que o marido, embriagado pelo vinho não diluído em água, logo teria seus sentidos ofuscados e iria procurar o sono em sua cama; então, após inúmeras trocas de sinais durante o banquete, a consumação da relação amorosa entre os amantes poderia ocorrer³⁹:

³⁷ Um caso bem conhecido de tal influência é Agripina, mulher que exerceu tamanho destaque na política romana, conspirando para posteriormente se tornar esposa do Imperador Cláudio que, por influência de suas maquinações, adota seu filho Lúcio Domício, renomeado como Nero Cláudio César Druso Germânico, que se torna o imperador após a morte de Cláudio. Ver: SUETONIUS, *Live of the Caesars*, 2000. p. 102.

³⁸ Terceira esposa do Imperador Cláudio, teve grande influência política. Era conhecida pela sua devassidão e pelo seu apetite sexual insaciável. Descobrimo posteriormente que Messalina se casara com Gaio Sílio, o imperador ordena que matem-na. Ver: SUETONIUS, *Live of the Caesars*, 2000, p. 185. Todo o assunto tratado no parágrafo se remete à descrição de Pierre Grimal (1991, p. 164-165), através de relatos em Cícero e Ovídio, de como os últimos anos da República afrouxam as rédeas que mantinham a paixão e a relação amorosa como algo que deveria ser contido.

³⁹ Para mais detalhes sobre as trocas de sinais e passos necessários para a consumação do ato entre amantes, ver: OVÍDIO, *Ars Amatoria*, 2010, p. 45.

Lésbia, na presença do marido, diz muito mal de mim, o que causa uma grande alegria àquela tolo. Meu burro, não percebes nada. Se se calasse estaria esquecida de mim e curada; mas, como ralha e injuria, não só se lembra, mas, o que é muito mais sério, está furiosa; isto é, arde, está abrasada em desejos (CATULO, *Poesias*, LXXXIII)

Posteriormente, o poeta enfrenta as mesmas situações que um marido traído. Como amante que desfrutava das infidelidades de Lésbia ante seu cônjuge, Catulo também é exposto à sensação dos ciúmes e transmite sua indiferença e desprazer em seus escritos:

[...] Que viva e passe bem com os seus amantes, com os trezentos que tem ao mesmo tempo, não amando, é certo, nenhum deles, mas partindo igualmente as ilhargas a todos; e que não se importe, como dantes, com o meu amor que, por sua culpa, morreu como a flor da borda do campo tocada pelo arado que passa (CATULO, *Poesias*, XI, 9-12).

Expondo ao seu conhecido Célio⁴⁰, Catulo reforça sua indignidade, como dito no poema anterior, ao descrever a frivolidade de Lésbia:

Célio, a minha Lésbia, aquela Lésbia que Catulo amou mais do que a si próprio e aos seus, agora, nas encruzilhadas e vielas, esfola os netos do magnânimo Remo (CATULO, *Poesias*, LVIII)

O poeta, então, trata de mensurar o valor da volta de sua amada, comparando o agrado como algo maior do que o deslumbre que o ouro provoca, reafirmando, após inúmeras declarações de recusa e de contraditoriedade, a felicidade causada pelo retorno de Lésbia:

É, na verdade, muito agradável obter alguém aquilo que, sem esperança, desejava e apetecia. Por isso me foi agradável, mais precioso que o ouro, o teres voltado para mim, ó Lésbia, para mim que te desejava, sim, o teres voltado para mim que te desejava sem esperança, e teres vindo de tua livre vontade. Ó dia digno

⁴⁰ Como expõe Paulo Sérgio de Vasconcellos (1991, p. 103), pode se tratar de Marco Célio Rufo, um dos amantes de Clódia.

de ser marcado com um sinal branco! Quem vive mais feliz do que eu, quem pode dizer que há qualquer coisa de mais desejável na vida? (CATULO, **Poesias**, CVII)

A forma como as poesias foram enumeradas no livro de Catulo podem não ser necessariamente a ordem na qual o poeta escreveu-as. Sendo assim, há a dificuldade de expôr cronologicamente qual fato sucede ao precedente; temos, desta forma, um impasse ao procurar saber se, como descrito em sua poesia CVII, Catulo recupera a companhia de Lésbia após o que é descrito na poesia LXXV ou a VIII, por exemplo, dado o fato de o poeta se contradizer e não deixar aparente o seu desejo de se ver livre de Lésbia.

Interpretando que Lésbia o amava através da recusa, do ato de não se calar a respeito do poeta, o mesmo crê que, por fazer o mesmo, o sentimento deveria ser recíproco:

Lésbia diz sempre mal de mim e nunca se cala a meu respeito: que eu morra, se Lésbia me não ama! Como o mostra? É o mesmo que se dá comigo; amaldiçoo-a a todo o momento, mas, que eu morra, se a não amo! (CATULO, **Poesias**, XCII)

O ato de procurar a reciprocidade, o amor de Lésbia, colocava o poeta em posição de aceitar os diversos tipos de humilhação e submissão que são previstos ao dispor-se como amante. A inversão de papéis se dá com a troca da forma doce e suave feminina pela cruel e inclemente; temos, então, a servidão amorosa que é cantada poeticamente pelos elegíacos. A não aceitação de um cidadão romano ser subjugado por uma domina gera polêmica com esse novo *tópos* literário, o *seruitium amoris*⁴¹. Em sua poesia LXVIIIb, Catulo utiliza da mitologia para justificar a sua tolerância; ao tratar das infidelidades de Júpiter em relação a Juno, o poeta declara que até um ser tão grandioso quanto a deusa escondia sua cólera:

[...] Ainda que ela se não contente só com Catulo, suportarei as raras e escondidas infide-

lidades da minha senhora, para que não me torne, como os tolos, muito incômodo. Muitas vezes a própria Juno, a maior dos habitantes do céu, escondeu a cólera que a abrasava por culpa do esposo ao saber das numerosas infidelidades do inconstante Júpiter. [...] Ela não veio, **trazida pela dextra paterna**, para a minha casa fragrante de perfumes assírios, mas deu-me, numa admirável noite, furtivos prazeres roubados dos braços do mesmo marido. [...] (CATULO, **Poesias**, LXVIIIb, 49-56).

Nessa poesia, temos a troca dos lados feminino pelo masculino, e vice-versa. Como diz Carlos A. André (2006, p. 260):

[...] O poeta compara-se a Juno, ou seja, ao lado feminino de um famoso par da mitologia, e compara Lésbia ao lado masculino, isto é, ao marido desse mesmo par. À mulher confere o lugar e o direito do rei e pai dos deuses; para si, reserva o papel recatado da matrona traída que tudo perdoa em nome na tranquilidade conjugal... e em nome, porventura, do seu estatuto.

Em seguida, ao dizer que Lésbia não foi introduzida a Catulo “trazida pela dextra paterna”, significa que a mesma não lhe foi concedida em casamento. Assim, infere-se que o desejo de casamento do poeta era real e presente e, entretanto, ele, em parte, se contentava como amante, podendo ter os prazeres que deveriam ser dirigidos ao marido de Lésbia.

A devoção ao ócio, particularmente ao amor e à poesia amorosa que veríamos melhor relatada em Propércio e Tibulo, teria sua hereditariedade iniciada em Catulo. Richard Oliver Lyne⁴², ao tratar da nova filosofia de vida dos poetas elegíacos, afirma:

[...] Muito da qual, de fato, estava implícita na vida e nos trabalhos do mais importante predecessor dos Elegistas: Catulo; e Cícero foi um dos que identificou uma sociedade de ócio e prazer, aludindo a eles em suas cartas e, em uma famosa ocasião, atacando-os publicamente (LYNE, 2007, p. 85).

⁴¹ Como nos mostra Carlos A. André, a posição de dependência se inverte. Ver: ANDRÉ, 2006, p. 250-251.

⁴² Foi um acadêmico e classicista, especialista em poesia latina. Lecionou línguas e literatura clássica em Balliol College, em Oxford. Possui livros que tratam de variados assuntos, como a *Eneida*, de Virgílio, a publicações tratando dos elegíacos.

Como atestado por Lyne, essa sociedade de ócio e prazer gerou as condições para produção dos elegistas. Os poetas se tornariam a figura máxima da servidão ante o sentimento amoroso; a degradação teria papel predominante, sendo necessária para que se tornasse possível o reconhecimento da parte dominante. Interessante notar que a forma de se ver o sentimento amoroso como servilismo se daria na poesia latina, não tendo relação direta com a grega. Como notamos na literatura grega, o amor era demonstrado como “poder do amor”, diferente do estado dos sentimentos do indivíduo em questão; o poder sobrenatural se relacionava ao mesmo, tendo em mãos a posição de escravizar ou libertar o indivíduo. A servidão e a degradação do amante não é vista como um problema usual na literatura grega, relegando assim tal posição à poesia latina. Devemos levar em questão, contudo, o fato de Catulo não ter um papel extremo de demonstração dessa servidão, como fariam, posteriormente, Propércio e Tibulo; eles, ao utilizarem da elegia erótica, tratam o lamento e a humilhação como partes de um desejo carnal, físico, não almejando a união conjugal. Catulo, como predecessor, nos entrega em seus escritos os primeiros passos para uma prática que se tornaria recorrente, mas, não necessariamente se adequava à denominação de *seruitium amoris*⁴³.

Já prostrado como um amante humilhado, novamente não se solta de seus sentimentos; mesmo tendo-os compreendido, diz que a ofensa de Lésbia “[...] obriga o amante a redobrar o desejo, mas diminui a sua ternura” (CATULO, *Poesias*, LXXII). Assim, Catulo reforça sua descrença mas não se desprende da mesma:

Dizias outrora que só amavas o teu Catulo e que, de preferência a mim, não querias enlaçar o próprio Júpiter. Adorei-te, não como vulgarmente se adora um amante, mas como um pai adora os filhos e os genros. Mas, agora sei quem és: e, por isso, ainda que o meu desejo seja mais ardente do que nunca, és para mim, no entanto, mais desprezível e ordinária. Como é isso possível? dirás; é porque um

insulto como o que me fizeste obriga o amante a redobrar o desejo, mas diminui a sua ternura (CATULO, *Poesias*, LXXII)

Entretanto, ao dizer que a amava “como um pai adora os filhos e os genros”, o poeta demonstra que tal sentimento não se assemelhava ao lado irracional; ao amá-la como se ama um homem, Catulo assegura seu autodomínio que não compactua com o desejo sexual e, portanto, mantém sua posição de cidadão com sua *dignitas* (ANDRÉ, 2006, p. 261). Como observamos na obra de Carlos A. André:

Um fosso, por isso, é estabelecido neste breve poema: de um lado, o poeta que vive a experiência de Lésbia, uma experiência apaixonada e, por isso mesmo, irracional; do outro, o homem que se pretende senhor dos seus desejos, das suas emoções, dos seus actos.⁴⁴

Catulo, ao dizer em sua poesia CIX “... Deuses poderosos, fazei que ela possa prometer de verdade...”, invoca os próprios deuses para abençoar esse *foedus* que seria o mais próximo que o poeta chegaria de um casamento formal. O poeta, mesmo ao utilizar os conceitos de amizade e casamento, demonstrando que sempre manteve sua parte da fides com Lésbia, reconhece que ela não lhe foi trazida pela dextra paterna. Catulo manteve sua parte de benfeitoria e piedade em suas amizades e acabou por projetar essa benefacta em Lésbia, ao tratar a união com ela como uma junção entre amizade e matrimônio. Patrick McGushin (1967, p. 91) elucida a questão, enfatizando que:

[...] Todos seus relacionamentos com outros incitaram apenas benefacta de sua parte; seu clamor específico por ser *pius* é baseado em sua observação de seu dever de amizade. Tratando-se a *amicitia* com Lésbia, a qual foi expressada em toda parte como um amor conjugal, ele clama que, de sua parte, foi preservada toda a essência de *pietas* e *fides*.

Não foi por acaso que Catulo escreveu dois cânticos de himeneu⁴⁵, apesar de os mesmos não

⁴³ Lyne conclui, ao fim de seu raciocínio, que a *seruitium amoris* dos Elegistas se desenvolveu da fala coloquial latina, e não da tradução literária latina ou grega. Para mais detalhes sobre o exposto, ver: LYNE, 2007, p. 86 e 93.

⁴⁴ Refere-se, aqui, ao poema LXXII. Ver: ANDRÉ, 2006, p. 261.

⁴⁵ *Poesias* LXI e LXII.

serem para si. A grande questão é o querer aparente do poeta: ter uma aproximação afetiva com Lésbia que simulasse uma relação conjugal. Ao analisarmos seus versos, vemos que Catulo descreve um sentimento que passa por ápices e quedas - fruto da impossibilidade daquela união - que são resultados de sua convivência com Lésbia. Assim, temos poesias que demonstram a incompatibilidade que Catulo buscava, procurando ser correspondido em algo que dificilmente se encaixaria tanto no contexto da República, quanto nos princípios daquela relação amorosa. Como tentamos demonstrar nesse artigo, portanto, o desejo de casamento de Catulo se dá de forma ficcional: toda a demonstração de afeto, de possível reciprocidade, não se concretiza como matrimônio. Por mais que o poeta realizasse a sua parte da *fides*, tal gesto não era reconhecido por Lésbia da forma esperada; sem esse reconhecimento, o Cancioneiro de Lésbia continua com seu querer inalcançável.

Abstract: In I B.C., Rome, the poet Catullus, pejoratively described as a *poetae novi*, uses elegiac couplets to express his mourning, political figures debauchery and, mostly, loving outrage. In his work that gathers the poetry, demonstrates its "hate and love" related to Lesbia, source of most of his poetic chansons. In this article, we aim to analyze how the poet that lived in a time that marital love was given as improbable, cultivates affection, odium and love for Lesbia, even not being more than a lover of hers.

Key-words: Lesbia, elegy, romantic relationship.

REFERÊNCIAS

A) Documentos textuais

CALLIMACHUS. **The Hymns**. Trad. Susan A. Stephens. Oxford: University Press, 2015.

CATULO. **Poemas**. Trad. Arturo Soler Ruiz. Madri: Gredos, 1993.

CATULO. **Poesias**. Trad. Agostinho da Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1933.

CATULLI. Q. **Valerii Catulli Veronensis Liber**. Revisado por Caroli Lachmanni. Berlim: Reimeri, 1861.

CATULLUS. **The Poems of Catullus: A Bilingual Edition**. Trad. Peter Green. California: University Press, 2005.

HESÍODO. **Teogonia: A origem dos deuses**. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995.

OVIDIO. **Ars Amatoria**. Trad. Hans H. Orberg. Dinamarca: Domus Latina, 2010.

PROPERTIUS. **Elegies**. Edited by W. A. Camps. Cambridge: University Press, 1961.

PLUTARCO. **Cícero**. Trad. Sady Garibaldi. São Paulo: Atena, 1965.

SAFO. **The Poetry of Sappho**. Trad. Jim Powell. Oxford: University Press, 2007.

SUETONIUS. **Live of the Caesars**. Trad. Catharine Edwards. Oxford: University Press, 2000.

TIBULO. **Elegias**. Trad. Arturo Soler Ruiz. Madri: Gredos, 1993.

B) Obras de referência

MCGUSHIN, P. Catullus' Sanctae Foedus Amicitiae. *Classical Philology*. Chicago, v. LXII, n. 2, p. 85-93, 1967.

PASCAL, C. **Poeti e Personaggi Catulliani**. Catania: [s.n], 1916.

SKINNER, Marylin B. **Catullus in Verona: A Reading of the Elegiac Libellus, Poems 65-116**. Ohio: University Press, 2003.

STROUP, Sarah Culpepper. **Catullus, Cicero and a Society of Patrons: The Generation of the Text**. Cambridge: University Press, 2010.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **O Cancioneiro de Lésbia**. São Paulo: Hucitec, 1991.

WISEMAN, Timothy Peter. **Catullus and His World: A Reappraisal**. Cambridge: University Press, 1985.

WRAY, David. **Catullus and the poetics of Roman manhood**. Cambridge: University Press, 2004.

C) Obras gerais

ANDRÉ, Carlos A. **Caminhos do Amor em Roma: Sexo, amor e paixão na poesia latina do séc I. a.C**. Lisboa: Cotovia, 2006.

BARRETT, Anthony A. **Agrippina: Mother of Nero**. London: Batsford, 1996.

BEARD, Mary. **The Roman Triumph**. Cambridge: Harvard University, 2007.

BERRIO, Antonio García; CALVO, Javier Huerta. **Los Géneros Literarios: Sistema e Historia**. Madri: Catedra, 2009.

GRILLO, José Geraldo Costa (Org.); GARRAFFONI, Renata Senna (Org.); FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.). **Sexo E Violência: Realidades Antigas e Questões Contemporâneas**. São Paulo: ANNABLUME, 2011.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: 70, 2009.

_____. **O Amor em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **The Concise Dictionary of Classical Mythology**. Oxford: Blackwell, 1990.

GRUEN, Erich S. **Culture and National Identity in Republican Rome**. New York: Cornell, 1992.

HAVELOCK, Ellis. **Sex in Relation to Society**. Londres: [s.n], 1945.

LYNE, R. O. A. M.; HARRISON, S. J. **Collected Papers on Latin Poetry**. Oxford: University Press, 2007.

MARTINS, Paulo. **Elegia Romana: Construção e Efeito**. São Paulo: Humanitas, 2009.

MAZEL, Jacques. **As Metamorfoses de Eros: O Amor na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SCANLON, Thomas F. **Eros and Greek Athletics**. Oxford: University Press, 2012.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **¿Qué es un Género Literario?** Madri: Akal, 2006.

SCULLARD, H. H. **A History of the Roman World: 753 to 146 BC**. Cornwall: Routledge, 1980.

SHOTTER, David. **Augustus Caesar**. London: Routledge, 1991

SKINNER, Marylin B. **Sexuality in Greek and Roman Culture**. Malden: Blackwell, 2005.

STALLONI, Yves. **Os Generos Literarios**. Portugal: Europa-América, 2010.

ULLMAN, Reinholdo Aloysio. **Amor e Sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WILLIAMS, Craig A. **Roman Homosexuality**. Oxford: University Press, 2010.